

# Obras tiveram verba privada

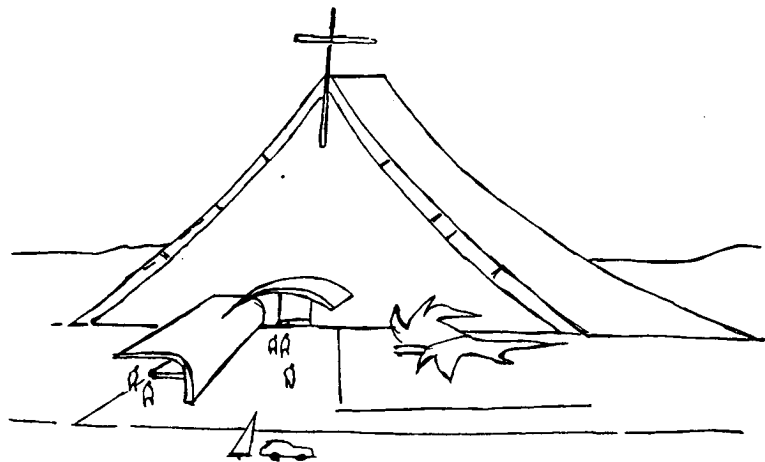
A obra da Catedral Militar, que o Cauma aprovou ontem, é mais uma realizada inteiramente com recursos da iniciativa privada. Foi o governador José Aparecido quem inaugurou a série de monumentos, prédios públicos e espaços culturais construídos com recursos da Fundação Banco do Brasil e da Fundação Bradesco e de empresas privadas, completando o conjunto arquitetônico da capital que é Patrimônio da Humanidade.

O primeiro espaço construído com recursos privados (da Fundação Bradesco, por determinação de Amador Aguiar) foi o Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves. A Fundação Bradesco, através de negociação do então governador José Aparecido, financiou a construção, mobiliou o Panteão, pagou os murais de Athos Bulcão, no térreo, e de João Câmara, no salão principal, além do projeto de iluminação de Oscar Niemeyer e dos vitrais de Marianne Perreti. O projeto do Panteão é de Oscar Niemeyer e, segundo ele, completa o conjunto da Praça dos Três Poderes.

Depois vieram a Casa do Cantador, em Ceilândia — primeiro projeto de Niemeyer numa cidade-satélite, construído com recursos de empresários de Brasília; a Casa do Teatro Amador, construída com recursos do Bradesco (inclusive o projeto cênico) também projeto de Niemeyer; a Pira da Pátria, junto ao Panteão, com recursos da Fundação Banco do Brasil; o Museu de Arte Contemporânea, inaugurado junto ao Memorial JK, com recursos da Fundação Banco do Brasil; entre outros projetos.

**Revisitado** — José Aparecido é quem trouxe de volta a Brasília,

## Perspectiva da futura catedral



lia, para darem continuidade aos projetos da capital, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e também Burle Marx. Niemeyer fez diversos projetos, deixando como doação dois ainda não realizados — o Centro Cultural Federal que engloba Biblioteca Nacional, Arquivo Público e Museu do Homem, completando a Esplanada dos Ministérios ao lado do Teatro Nacional, de um lado, e ao lado do Touring, do outro, e o Museu do Índio, no “campus” da UnB. Lúcio Costa revisitou Brasília, propondo novas áreas de expansão e projetou o Gran Circo Lar, perto da Catedral, e que também foi contruído com recursos privados — do Banco Nacional e da Fiat do Brasil, durante o governo José Aparecido. O Circo é cercado por azulejos pintados por Júlio Pomar, um dos maiores artistas plásticos de Portugal, trabalho financiado por empresários de Brasília e transportado pelo governo português.

A Catedral de Brasília também foi totalmente reformada e pintada, sendo restituídos os vidros pelos belos vitrais com base no projeto original de Marianne Perreti. As obras, inclusive os vitrais, foram financiadas pela Fundação Banco do Brasil.

“É importante que, na capital

da República, empresas privadas participem da consolidação da cidade que é o único monumento contemporâneo na lista do patrimônio cultural da Humanidade, da Unesco. Foi José Aparecido quem inaugurou essa prática saudável, que fiz questão de manter em meu governo. Inauguramos, com a ajuda do Bradesco, o Espaço Lúcio Costa. E vamos construir, agora, a Catedral Militar, projeto de Oscar Niemeyer que aproveita as estruturas metálicas que foram usadas no altar onde o Papa rezou a missa, na Esplanada dos Ministérios. “Temos que ser cuidadosos com recursos públicos”, disse Roriz.

O governador José Aparecido, que propôs à Unesco o tombamento de Brasília como Patrimônio Cultural da Humanidade, continua lutando por recursos da iniciativa privada para completar o conjunto arquitetônico da capital — agora ao lado do governador Joaquim Roriz. Foi o que aconteceu com o Espaço Lúcio Costa, a obra mais recente, e agora com a Catedral Militar, obra pela qual o bispo Dom José Ávila vem lutando há tempos. O atual presidente do Bradesco, Lázaro Brandão, garantiu o apoio à obra.